

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Manoela Cristina Sfalcin da Rosa

*“Queriam conhecer novas tribos, em busca de comida eles encontraram o
Brasil” -*

O ensino da história da África e dos Afrodescendentes nos Anos Iniciais do
Ensino Fundamental

Porto Alegre

1º semestre

2014

Manoela Cristina Sfalcin da Rosa

“Queriam conhecer novas tribos, em busca de comida eles encontraram o Brasil” -

O ensino da história da África e dos Afrodescendentes nos Anos Iniciais do ensino fundamental

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Nilton Mullet Pereira

Porto Alegre

1º semestre

2014

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os professores que passaram por minha vida. Em especial aos meus pais, que foram meus primeiros educadores e também alfabetizadores, que garantiram, mesmo sem condição financeira alguma, que seus filhos, além da educação moral, tivessem também o acesso à escola, sempre tendo como prioridade a educação dos filhos.

Dedico esse trabalho também, a professora Lurdes Oliveira que foi minha primeira professora e uma grande defensora na educação no campo... E a todos os professores de história que sempre despertaram em mim o desejo e o gosto pelo estudo da história, não de uma.. Mas, de todas...

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por todo amor que sempre dedicaram a mim e a minhas irmãs. Por todos os “sins” que vocês nos deram mas, principalmente, por todos os “nãos” pois eles, com certeza, me prepararam para a vida que estava por vir e os caminhos que eu estava por trilhar....

As minhas irmãs Patrícia, Ana Paula e Gabrieli, pela amizade e pelo companheirismo durante toda a nossa vida. Obrigada por todos os momentos de alegria que fizeram com que a gente enxergasse aquilo que nossos pais sempre diziam: “-Vocês tem que ser amigas”...

A minha avó Teresinha Josefina Sfalcin por todo apoio e carinho sempre prestado a nossa família....

Aos colegas da Pastoral da Juventude pela acolhida que me deram quando eu cheguei em Porto Alegre, me recebendo sempre de braços abertos e fazendo com que eu, desde o primeiro instante, me sentisse parte de vocês...

As Irmãs Servas do Divino Espírito Santo por terem sempre me recebido como alguém pertencente a sua família. Por terem acreditado em minha capacidade como educadora, confiando a mim seus alunos por quase 4 anos...

Aos colegas da Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida, também conhecida como CEUACA. Moradia estudantil mais antiga da cidade de Porto Alegre, local que me abrigou e mostrou toda a riqueza que esse encontros de saberes e vivências pode nos proporcionar...

As famílias que me acolheram em Porto Alegre.. Em especial à família das grandes amigas Marcela Duarte, Gisele Rodrigues Soares e Carolina Machado de Quadros.

Aos colegas de Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul pela oportunidade de, inicialmente junto à Comissão de Direitos Humanos, ter uma vivência maior de mundo e também, junto ao gabinete do Deputado Jeferson Fernandes, ter a oportunidade de enxergar o serviço público com maior proximidade e clareza e de ter a oportunidade de trabalhar em prol da população gaúcha...

A colega e amiga Luna Martins e seu esposo Alexandre Silva, professores de história e grandes incentivadores da realização desde trabalho.

Ao meu orientador professor Doutor Nilton Mullet Pereira, por todo o apoio recebido, desde o primeiro contato sobre o desejo de realizar o trabalho com a temática relacionada a questão do ensino de história da África e dos Afrodescendentes. Agradeço toda a paciência, compreensão e sensibilidade, onde não mediu esforços para me ajudar a visualizar objetivos significativos e atingir aqueles que foram por mim almejados.

E, por último, e mais importante de tudo, agradeço a Deus pela benção de uma vida saudável e cheia de oportunidades. Agradeço muito pela oportunidade de ter encontrado em minha vida muitas pessoas de coração puro, boa índole e caráter, além já mencionados acima. Agradeço pelos sorrisos e pelas lágrimas derramadas. Pelos momentos felizes e também pelas dificuldades que encontrei ao longo do caminho pois, com certeza, cada uma delas contribuiu muito para o meu crescimento e ajudou na construção de minha identidade.

Por tudo isso que já passou e por tudo o que ainda está por vir...

Muito obrigada Senhor

*“Não sei se a vida é curta ou longa para nós, mas sei
que nada do que vivemos tem sentido, se não
tocarmos o coração das pessoas.
Muitas vezes basta ser: colo que acolhe, braço que
envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita,
alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que
acaricia, desejo que sacia, amor que promove.
E isso não é coisa de outro mundo, é o que dá
sentido à vida. É o que faz com que ela não seja
nem curta, nem longa demais, mas que seja intensa,
verdadeira, pura enquanto durar. **Feliz aquele que
transfere o que sabe e aprende o que ensina.**”*

Cora Coralina

RESUMO

Este trabalho tem como objetivos realizar uma reflexão sobre as representações que os estudantes fazem sobre o tema da história da África e dos afrodescendentes. Além do mais, pretende-se realizar uma análise sobre as possibilidades do ensino da história da África e dos Afrodescendentes. A partir das experiências ocorridas no estágio de docência, numa turma do 4º Ano, do Ensino Fundamental, de uma escola pública federal de Porto Alegre, o estudo ficou acerca das possibilidades de se ensinar a história da África e dos Afrodescendentes nos anos iniciais do ensino fundamental. Para tanto, fora realizado um breve levantamento histórico sobre o ensino de história no Brasil, tendo ele, a sua intencionalidade modificada de acordo com o período histórico em que estava inserido (MATHIAS, 2011) e sobre a importância de ensinar a África em sua totalidade, tentando nos aproximar ao máximo das perspectivas que os Africanos imprimiram na sua própria história (LIMA, 2012). O trabalho se baseia principalmente no conceito de Representação, a partir dos estudos de Roger Chartier. Para o autor as representações dizem respeito aos modos de ver e de construir leituras sobre o mundo que as sociedades constroem, limitados pelo momento histórico no qual vivem. A partir dos estudos realizados, notou-se a importância de aprender a história do local onde se vive, pois ela é fundamental para o conhecimento e a construção da própria identidade.

Palavras Chaves: História da África. Afrodescendentes. Representação.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 09 |
| 2. O ENSINO DE HISTÓRIA: ENTRE PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES | 11 |
| 2.1 A HISTÓRIA DO ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL | 11 |
| 2.2 COMO SE CONTRÕEM AS REPRESENTAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA | 18 |
| 2.3 REPRESENTAÇÕES SOBRE HISTÓRIA DA ÁFRICA JÁ CONSTRUÍDAS | 21 |
| 3. O ENSINO DA HISTÓRIA DA ÁFRICA EM UMA TURMA DE 4º ANO .. | 24 |
| 3.1 AS REPRESENTAÇÕES JÁ CONSTRUÍDAS PELA TURMA | 24 |
| 3.2 AS PRÁTICAS REALIZADAS | 28 |
| 3.3 OS RESULTADOS OBTIDOS | 29 |
| 4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA | 32 |
| 6. REFERÊNCIAS | 37 |

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um estudo sobre o ensino da história da África e dos Afrodescendentes nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O objetivo principal é realizar uma reflexão sobre as representações que os estudantes fazem sobre o tema da história da África e dos afrodescendentes. Além do mais, pretende-se realizar uma análise sobre as possibilidades do ensino da história da África e dos Afrodescendentes.

Desta maneira, os estudos foram centrados em responder a seguinte questão: Quais as possibilidades de se ensinar a história da África e dos Afrodescendentes, nos anos iniciais do ensino fundamental?

A presente pesquisa é um estudo de cunho qualitativo, se compõe de um estudo com traços etnográficos já que aborda uma prática de pensar o ensino e a aprendizagem dentro de um amplo contexto cultural. (LUDKE, 1986, p. 14)

A história da África é imensa e recheada de muitas curiosidades, e é provável que nunca conheçamos a sua história por completo, devido a sua imensidão e complexidade. É preciso que sempre nos lembremos de que a África é um continente composto de 55 países (SILVA, Julio. 2014) e que sua extensão territorial ultrapassa os 30 bilhões de Km² e a sua população está estimada em mais de 1,2 bilhões de habitantes que constituem um número incontável de povos, cada um com suas culturas, línguas e tradições peculiares (PENA, 2014) Os livros didáticos nos trazem muitas informações interessantes sobre a história da África, mas, em geral, se ficarmos limitados a eles, teremos um conhecimento bastante limitado também.

A primeira experiência que tive com o ensino da história da África foi durante o meu estágio de docência, que aconteceu numa turma de 4º ano do Ensino Fundamental de uma escola federal de Porto alegre, no segundo semestre de 2013. Durante o estágio de docência, eu procurei organizar com

bastante cuidado os conteúdos e as maneiras de se trabalhar a história da África com a turma. Queria que os alunos conhecessem, pelo menos, um pouquinho desse continente tão grandioso e importante na história da humanidade. Após esse primeiro momento, de esclarecimento das dúvidas iniciais referentes a vinda dos negros para o nosso país eu apresentei aos alunos um pouco de como era a África “antes da chegada dos Europeus” contando-lhes sobre alguns impérios que lá existiram e sobre as muitas potências que eles representavam quando se tratava de conhecimento agrícola, entre outros.

Durante as aulas, além de outros materiais de aula, os alunos puderam utilizar computadores, com acesso à internet, para realizarem suas pesquisas. Neles, puderam olhar imagens de construções daquelas épocas e ver exemplos de desenhos e pinturas que eram feitos em paredes e utensílios e que retratam um pouco dos costumes da época.

No decorrer das aulas, muitos alunos ficaram surpresos ao descobrirem que o Egito, que já fora uma das maiores civilizações e um dos maiores impérios do nosso planeta, fica localizado na África e impressionados ao descobrir que a África possuía muitos impérios além desse, como os Impérios de Gana e de Mali, por exemplo.

2. O ENSINO DE HISTÓRIA: ENTRE PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES

Num primeiro momento será abordada brevemente a história do ensino de história no Brasil, tentando compreender as finalidades que o ensino da mesma teve em determinadas épocas e, também, sobre o quanto o ensino da história mudou suas características de acordo com o contexto social e histórico de determinadas épocas.

Já no segundo momento, pretende-se dar conta das representações que são construídas pelos estudantes e pela sociedade em geral sobre a África e os Afrodescendentes, tentando compreender as maneiras e circunstâncias em que elas acontecem.

2.1 A HISTÓRIA DO ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL

O ensino de história está há bastante tempo presente na educação brasileira. No decorrer dos anos aconteceram muitas alterações, tanto nos conteúdos que são ensinados nas escolas quanto nas maneiras de se ensinar, e essas alterações fizeram com que o mesmo ocupasse papéis diferentes no decorrer da construção social brasileira. Num primeiro momento, a história era ensinada de uma maneira a ajudar a construir o ideal de nação, era tida como um símbolo construtor da mesma. E somente algum tempo depois, ao longo dos anos, houve o que podemos chamar de “revisão da história” e a mesma passa a ser uma oportunidade de voz aos silenciados. Pode-se dizer então, que a história divide-se em 4 momentos em diferentes épocas.

Num primeiro momento, que se estende desde o século XIX até metade do século XX. O ensino de história inicia-se como uma espécie de culto à nação, onde o mesmo nasce sobre a proteção daqueles que seriam responsáveis por formar a nação, de tal forma que se tentava organizar um passado onde as ações humanas eram unificadas e homogeneizadas, na criação de uma cultura nacional. (MATHIAS, pág. 42)

Segundo Carlos L. K. Mathias (201), a “história do ensino de história” deve considerar sempre as transformações que ocorrem no campo do saber e, também, as funções sociais que a história tem numa determinada sociedade. Ainda segundo o autor, há três tipos de história: a história que se ensina na escola, a história que é vivida por cada um dos indivíduos e a história que é ensinada nas graduações, nas instituições de ensino superior.

Um dos períodos em que mais houve alterações significativas no ensino de história no Brasil foi o período do Regime Militar (1964-1985). Nesse segundo momento do ensino de história no Brasil, as interferências aconteceram no intuito de direcionar sobre aquilo que se ensinava e, foi durante esse período, que a história perdeu muito da sua especificidade. Ao ser fundido com o ensino de geografia, as duas disciplinas tornaram-se os conhecidos “estudos sociais”. E, com isso, o ensino da história sofreu muitas inserções em seu currículo onde, dentre as mais destacáveis, estavam conteúdos como segurança nacional e patriotismo.

Segundo Carlos L. K. Mathias, 2011:

[...] O fito dessa forma de ensino consistia em sancionar a nação na disposição em que se encontrava, noutras palavras, legitimar sua ordem social e política, além de inculcar nos membros da nação o orgulho de a ela pertencerem para, então, melhor servi-a. A didática do ensino de história se baseava no emprego de uma narração factual seleta, elegendo grandes personagens, acontecimentos simbólicos e, eventualmente, mitos fundadores. (Pág. 42, MATHIAS, 2011)

O período militar exerceu forte influência sobre o ensino de história no país, delimitando algumas características que seguem até hoje. Uma das mais fortes era ensinar a história com ênfase em personalidades políticas, e isso era

feito de uma maneira em que a classe de menor renda e participação na sociedade, recém em inserção à escola na época não se identificasse com tais histórias ou tais personalidades e não se sentisse parte do contexto histórico. (ROSA, 2011)

Para ensinar a história geralmente eram elencados grandes heróis, baseados em mitos fundamentais e exemplares que eram considerados fundamentais para a construção da pátria que era idealizada. De tal forma que a maneira de se ensinar história era alicerçada na aplicação de um discurso seletivo. Onde algumas histórias e personagens eram “engrandecidos” para que a nação fosse compreendendo os sentidos da pátria. Sentidos esses, que eram ditados por quem estava no poder na época.

Seguindo nesse mesmo ponto de vista, Stanley Rosa, ao falar sobre a educação nos tempos de regime militar, relata que:

[...]A Educação preconizada pelos militares tinha como finalidade formar um aluno que se ajustasse à realidade e não que a transformasse, sendo passivo diante de uma história nos moldes europeus, feita para a classe média: ainda que esboçasse o uso de eixos temáticos, enfrentaria a permanência do “político” como eixo central, fazendo com que prevalecesse uma história com a qual as camadas populares, em seu início de inclusão na escola pública, definitivamente não se identificavam.

No início da década de 1980, o ensino de História começa a ser reformulado, impulsionado pela expansão da pós-graduação no país e, também, pelo surgimento da atual Associação Nacional de História (ANPUH) e da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB), o que resultaria, em um futuro próximo, no processo de extinção da disciplina Estudos Sociais. [...] (ROSA, 2011)

O ensino da história era baseado nos moldes europeus de tal forma em que o sujeito era ensinado a se adaptar à sua história/realidade e não a refletir sobre a mesma. Nessa perspectiva, A chamada educação cívica era motivada pela constituição de valores nacionais e ocorria em prol de uma legitimação da ordem social e política. (MATHIAS, 2011)

Foi na primeira metade do século XX que o ensino de História tornou-se presente nos currículos escolares do ensino básico.

“Coube à reforma educacional de 1931 implementar a seriação dos currículos, a frequência obrigatória dos alunos, a imposição de um regular sistema de avaliação discente e a reestruturação do sistema de inspeção federal” (MATHIAS, p. 43)

Ainda de acordo com o autor, houve um grande esforço para que fosse retomada a construção de uma Identidade Nacional, onde o patriotismo e o nacionalismo fossem fatores determinantes e ocupassem um papel de grande destaque, isso durante a Ditadura do Estado Novo (1937-1945). Já durante os anos de Ditadura Militar em nosso país (1964-1985) a história era baseada e ensinada a partir da reprodução de valores morais e políticos onde, a educação cívica, era um dos pontos fortes do ensino. Era incentivada a veneração aos grandes heróis que tivessem tido envolvimento exemplar na história nacional.

“A história historicizante ressurgiu ativamente, reforça-se a perspectiva do ensino centrado nos capítulos da história europeia, da linearidade cronológica de ocorrências políticas – biografia nacional retratada no descobrimento do Brasil, no processo de independência, na abolição da escravidão, na proclamação da república e na revolução de 1930 – e do emprego dos acontecimentos factuais e das bibliografias dos grandes personagens”. (MATHIAS, 2011, pág. 45)

Num terceiro momento do ensino de história, ao longo dos anos 80, ocorre a expansão da indústria editorial com os livros didáticos e, sob forte influência de Marx, o ensino de história começa a ser voltado para o processo de construção da cidadania. Os indivíduos necessitam de um espaço que dê voz aos silenciados e aos vencidos, um espaço onde eles teriam uma formação histórica inicial, o que é fundamental para o conhecimento da própria espécie/cultura. É nesse momento que ocorre uma “revisão” do ensino de história onde, a história torna-se crítica, onde os silenciados começam a ter voz e vez. É chegada uma nova concepção de história e com isso, uma nova concepção de nação também.

O ensino volta-se também para a formação de um sujeito cidadão e participante ativo da construção do país. Idealiza-se um cidadão que ajude a construir melhorias para o país através de seus pensamentos e ideais. Com isso, o ensino da história começa a ser realizado de maneira crítica, onde o aluno, além de tomar conhecimento dos personagens históricos, é incentivado a tentar compreender os processos que levaram ao acontecimento de

determinadas situações. E são motivados a pensar e debater sobre os problemas das suas realidades sociais.

Chega-se então a um quarto momento do ensino de história que tem a ver com a identidade do povo onde os, até então, silenciados passam a ter voz e vez e também a se identificar como pertencentes à história. A cerca disso, Carlos L.K. Mathias (2011), realiza um breve aparte histórico sobre como chegamos nos moldes atuais de se ensinar história. É a partir dos anos 90 e 2000 que começa a acontecer uma revolução nos currículos de história, chega-se a algo que o autor chama de “nova história”, onde há a introdução de novas temáticas como memória e cultura material e, também, mantêm-se a leitura crítica da história. O ensino de história passa a adquirir um novo papel, passa a dar voz aos silenciados e fazer com que os indivíduos se sentissem como partes participantes dos processos.

De acordo com o artigo 26 da LDB (lei 9.394/1996 de Diretrizes e Bases da educação Brasileira):

Art. 26 os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional, comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura da economia e da clientela. (Lei 9.394/1996)

O ensino da história e da cultura Afro-Brasileira tornou-se obrigatório no currículo brasileiro a partir da Lei nº 10.639, de 09 de Janeiro de 2003 vigente na Constituição Federal. Tendo como intuito alterar a legislação já vigente desde 1996 onde a Lei 9.394/1996, estabelecia as Leis de diretrizes e bases da educação nacional, e já previa, no ensino da história do Brasil, o também ensino da história de diferentes culturas que ajudaram a constituir o povo brasileiro. A mesma fazia referência especial às culturas africanas, indígenas e europeias porém, não especificava a obrigatoriedade de nenhuma delas.

Dessa forma, tivemos sim, o ensino da história de diversos países e culturas nas nossas escolas porém, o que ensinava era um misto de culturas europeias sempre ovacionadas como os grandes contribuintes para a formação

e construção do Brasil. Os livros didáticos eram recheados de louvor a importâncias dos imigrantes para a colonização e o povoamento das terras brasileiras. Com destaque sempre especial aos portugueses e espanhóis, que foram os “primeiros” a chegarem a nossas terras, desconsiderando o fato de já ser um local habitado pelos indígenas.

Devido à ausência da história da África, e também indígena, nos currículos escolares brasileiros, foi criada a Lei nº 10.639, de 09 de Janeiro de 2003, que tinha como objetivo principal ratificar a anterior, como segue no preâmbulo da mesma.

“Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências.” (Lei nº 10.639/2003)

Fora, devido a toda a importância que os povos africanos e indígenas tiveram na constituição do povo brasileiro, através de suas culturas e influências, fez-se necessário o conhecimento mais pontual e aprofundado de suas histórias. De tal forma, que tanto o ensino da história da África e cultura afro-brasileira quanto o ensino da história indígena tornaram-se, também, obrigatórios a partir da Lei 11.645/2008 que previa os seguintes termos:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (NR)

Ao ensinarmos os conteúdos na escola, temos que estar atentos ao aprender dos alunos, atentos àquilo que aprendem e como eles aprendem. E,

esses cuidados, ganham uma importância ainda maior, pois, quando ensinamos, estamos também ajudando a construir uma nova maneira de olhar o mundo e, também, a construir a capacidade de olharmos a nós mesmos com outro olhar, a capacidade de nos conhecermos verdadeiramente e, até mesmo, de nos reinventarmos. (LIMA, 2012)

Quanto ao ensino da história da África, temos que ter grande atenção e cuidado para ajudar os alunos a reconhecerem a África como um continente e não como um país apenas. E desmistificar a África como sendo um local apenas de áreas desérticas, tribos exóticas e/ou os animais em risco de extinção. Afinal, o continente africano é um, se não o de maior diversidade, tanto linguística, quanto cultural e etnicamente.

É muito importante pensar a África em sua totalidade, não apenas ao sul do Saara, nem tampouco apenas a África atlântica, e tentar nos aproximar ao máximo das perspectivas que os africanos imprimiram à sua própria história. No tempo e no espaço, ir ao encontro das muitas áfricas – por elas mesmas, não apenas para uma busca da nossa história-, pois esses caminhos podem nos revelar mais sobre nós e sobre a humanidade do que imaginamos. (LIMA, 2012)

O ensino de história, de uma maneira geral, vem evoluindo bastante em nosso país. Ao mencionar a palavra evoluir, pretende-se fazer referência aos conteúdos/fatos que tem sido agregado ao ensino de história e que, em outros tempos, não seriam cogitados como essenciais para nosso conhecimento. Como, no caso, a história das culturas africanas e indígenas. Dessa forma, nos dias atuais, já se pode notar uma grande diferença no ensino da história da África no Brasil, quando antes nos sentíamos e até parecíamos tão distantes em nossas histórias, tendo na memória apenas os africanos que vieram para nosso país escravizados, amarrados e sofridos.

Seguindo nessa direção, Selma Pantoja (2011), em seus estudos sobre o ensino da história da África, analisa que:

[...] “Antes, falar em africano significava estudar somente aquele sofrido agente de um passado longínquo, que um dia chegou na condição de escravo às praias brasileiras. Os tempos mudaram, as pesquisas sobre os africanos no Brasil ganharam tons bem mais abrangentes. Começamos a ter maior intimidade com aquela categoria, até então difusa ‘dos africanos’ [...] (PANTOJA, 2011, pág. 17)

Ainda segundo a autora, apesar dos esforços realizados, ainda há um longo caminho até a constituição de uma “massa crítica” que vá de fato conseguir enxergar e reconhecer a real importância sobre os estudos africanos no Brasil, gerando assim uma produção específica sobre tais.

2.2 COMO SE CONTRÕEM AS REPRESENTAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA

Quando olhamos para uma história, ou um fato já passado, temos sempre que tentar nos aproximar ao máximo das maneiras de ser e de se pensar daquela época. Ter em mente de que os fatos aconteceram num tempo onde os valores, costumes, crenças e conhecimentos eram diferentes dos atuais. Não há a possibilidade de querermos analisar os costumes culturais de uma determinada época, por exemplo, se tentarmos compará-la com os costumes que temos na atualidade.

A representação seria aquilo por meio do qual se conhece algo ou alguém. É a interpretação pela qual aquilo que está ausente se faz presente. A representação é o aparato inerente a um cargo, ao status social, à qualidade indispensável que alguém deve ter para exercer esse cargo.

As representações sociais são a maneira como os fenômenos humanos podem ser conhecidos e explicados a partir de uma perspectiva coletiva, mas sem ignorar o indivíduo. Trata-se de uma forma de conhecimento que tenta construir uma realidade comum a um conjunto social. (CARDOSO, Ciro F. 2000).

Um grande desafio, encontrado nos estágios e nas práticas docentes, e que acontecem ao longo da graduação, é ensinar as classes com maior vulnerabilidade social e o papel da escola na ruptura do ciclo da pobreza. No

campo da educação, uma das preocupações mais pertinentes são as questões relacionadas ao fracasso escolar.

Alguns estudos sobre percepções de atitudes entre professor e aluno bem como de comportamentos diferenciados do professor em função de expectativas relacionando-os ou não a efeitos no aluno, tem procurado uma melhor compreensão desse problema.

O estudo das representações sociais parece ser um caminho promissor para atingir esses propósitos na medida em que investiga justamente como se formam e como funcionam os sistemas de referência que usamos para classificar pessoas e grupos e para interpretar os acontecimentos da realidade cotidiana. Por sua relação com o imaginário social e por seu papel na orientação de condutas e das práticas sociais, as representações sociais constituem elementos essenciais à análise dos mecanismos que interferem na eficácia do processo educativo.

Há muitas formas de conceber e de abordar as representações sociais, relacionando-as ou não ao imaginário social. Elas são associadas ao imaginário quando a ênfase recai sobre o caráter simbólico da atividade representativa de sujeitos que partilham uma mesma condição ou experiência social: eles exprimem em suas representações o sentido que dão a sua experiência no mundo social, servindo-se dos sistemas de códigos e interpretações fornecidos pela sociedade pelo fato de partilharem uma mesma condição social.

Para Roger Chartier (2002), a tarefa de um historiador é tentar encontrar as representações mais antigas que existirem sobre um determinado assunto, sem deixar-se influenciar pelas maneiras de pensar e/ou pelas convenções sociais da nossa época. Temos que tentar, ao máximo possível, nos distanciar dos dias atuais e aproximar aos da época em questão. Porém, não devemos ficar gastando nosso tempo e esforços tentando nos colocar no lugar das figuras históricas, tentando assim aproximar ambas as maneiras de pensar e agir. Pois é impossível saber o que realmente se passava naquele determinado

momento e quais foram os reais sentimentos/emoções que levaram até a situação ocorrida e, por ventura, influenciaram nas atitudes/decisões tomadas.

O que se tem a fazer então, é identificar um determinado personagem ou fato histórico, pertencente a determinada situação, e tentar descobrir seus atos mais primitivos através da análise das suas representações coletivas e das possíveis ligações dessas representações.

“(...) o que diferencia as mentalidades dos grupos sociais é, acima de tudo, o uso mais ou menos alargado que eles fazem dos utensílios disponíveis (...)”
(pág. 39, CHARTIER)

Dessa forma, as diferenciações sociais são produzidas e/ou traduzidas pelos distanciamentos culturais. Ainda segundo Roger Chartier, todo texto é produto de uma leitura, ou seja, é a interpretação da interpretação de um terceiro indivíduo. Portanto, a noção de representação pode ser construída através de concepções muito antigas e que se modificaram ao longo do percurso e da busca pelo entendimento da mesma.

Quanto as representações sociais, Francismar A. L. de Carvalho (2005) faz uma reflexão sobre as obras/pensamento de Roger Chartier referentes a esse conceito. Segundo ele, o historiador francês exprime uma série de considerações/tensões que tentam encontrar um ponto de equilíbrio entre a separação entre a filosofia do sujeito e aquilo que é estrutural. (CARVALHO, 2005 p.157)

(...) A tensão entre representação que é condicionada pelo social e a representação matriz constitutiva do social; a tensão entre a função política e a função lógica das representações; a tensão entre a representação da realidade e a realidade da representação; a tensão entre as modalidades do fazer crer e as formas de crença, entre a imposição de um significado e a pluralidade de apropriações (...) [CARVALHO, 2005 p. 157]

Seguindo nessa mesma linha de pensamento, Stanley Silva (2010) ao relacionar as teorias de Roger Chartier e Sandra Pesavento, alega que os dois têm a mesma concepção de representação, e que ambos acreditam que elas são expressas por discursos. Porém, Chartier acredita na pluralidade como os

discursos são empregados fazendo assim, com que as leituras realizadas pelos sujeitos são influenciadas e constituídas por determinados espaços e processos.

2.3 REPRESENTAÇÃO SOBRE A HISTÓRIA DA ÁFRICA JÁ CONSTRUÍDAS

Quanto ao ensino da história da África, muitas vezes reduzimos a África a um continente superlotado, miserável, desorganizado e quase sem acesso a tecnologias. Não são raras as vezes que ouvimos os discursos surpresos e admirados de quem visitou a África pela primeira vez. Discursos esses que, na sua grande maioria são recheados de impressões de pessoas que se sentem surpresas por encontrarem ambientes organizados urbanamente com supermercados, cinemas e aeroportos. Pessoas que subjagam a África como sendo um continente atrasado perante o restante da humanidade.

Por vezes, esquecemo-nos de olhar para o nosso lado, de prestar atenção à sociedade que nos rodeia e à sua realidade. Se fizéssemos isso, perceberíamos que as periferias das grandes cidades, quase em nada, se diferem das periferias de cidades Africanas, a não ser pelo ambiente muitas vezes seco e árido e pela vegetação.

Em *O ensino da história da África em debate – Uma introdução aos estudos africanos (2008)*, o autor Anderson R. Oliva defende, além dessa impressão distorcida que as pessoas têm da África, que a educação que recebemos sobre a história da África é o que norteia nossos conhecimentos sobre a África e o que os limita também.

Como já mencionado antes, ao longo de nossa escolarização, não recebemos informações suficientes para que tenhamos um conhecimento

minimamente adequado sobre tudo o que o continente africano significa na história da humanidade e também sobre o que é faz parte da atualidade.

Sendo o ensino fundamental obrigatório e garantido por lei no Brasil, há de se considerar que os primeiros anos de escolarização são os mais importantes na vida escolar de um aluno quando se trata de absorção de informações e formação de opiniões. Por esses e outros motivos é que os professores devem estar preparados para passar essas informações aos alunos, o conhecimento é algo infinito e ilimitado. Não basta o professor adquirir conhecimento sobre um determinado assunto, é preciso que ele aprenda também a transmitir esse conhecimento aos alunos.

Segundo Gilberto Dimenstein (2008, p.108), quando estudamos os personagens da história o foco está sempre em grandes heróis como símbolos nacionais. Na representação daqueles que nunca erram como homens indubitáveis/inspiradores da nação. Não havendo espaço ou voz aos menos favorecidos e considerados de menor expressão, não servindo como exemplo a ser seguido pelos demais.

Quando a África aparece nos livros didáticos, ela está basicamente ligada aos períodos da vinda dos africanos para o Brasil e as Américas na época da colonização europeia, como os horrores do comércio e escravidão do seu povo no século XVIII assim como a participação nas batalhas de libertação e independência do século seguinte. Mas, as questões, culturais são quase sempre deixadas de lado. É muito raro encontrar algum livro didático que fale sobre alimentação típica, religião, organização política e/ou familiar.

Pensar a maneira de se ensinar um conteúdo é bem mais complicado do que se pensa, pois não estamos falando apenas de uma unidade curricular simples mas da história de todo um continente de participação fundamental na história da própria humanidade. Segundo WEEDERBURN(2005):

A obrigatoriedade do ensino da história da África nas redes de ensino no Brasil confronta o universo docente brasileiro com o desafio de disseminar, para o conjunto da sua população, num curto espaço de tempo, uma gama de conhecimentos multidisciplinares sobre o mundo africano. (pág. 133)

Desde que, o ensino da história da África, tornou-se obrigatório no currículo brasileiro, o mesmo, tem também se tornando um forte paradigma para os professores. Isso acontece, não porque os professores não querem falar sobre o assunto com seus alunos mas porque, na grande maioria dos casos, tiveram também a sua educação limitada, não obtendo o aprendizado e nem a orientação didática necessária e suficiente para que pudessem transmitir esses conhecimentos aos demais.

Falar sobre os problemas na formação de professores não faz parte dos objetivos principais do meu estudo, porém, é inevitável não mencionar que a falta de capacitação didática e teórica exerce sim uma grande influência na maneira como os professores ensinam e, principalmente, na maneira como os alunos aprendem e o quê aprendem.

Outro ponto que pode interferir nesse processo é questão do professor se colocar, também, no papel de aprendiz. Pois, geralmente, os professores ensinam, mas não se mostram aprendendo, dessa forma, o aluno não tem o exemplo moral de professor aprendiz (DIMENSTEIN, 2008, p. 48).

Sobre as questões relacionadas à moralidade, Gilberto Dimenstein (2008) afirma que elas estão diretamente relacionadas com o aprender e ensinar, acreditando na educação moral como sendo aquela onde o aluno acredita nos exemplos do professor em vez de acreditar simplesmente nas falas do mesmo.

3. O ENSINO DA HISTÓRIA DA ÁFRICA EM UMA TURMA DE 4º ANO

Neste capítulo será relatada a experiência com o ensino de história da África, que aconteceram durante o meu estágio de docência, que ocorreu no segundo semestre de 2013 numa turma de 4º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Porto Alegre. Experiência essa que me levou a pensar sobre as representações que os alunos constroem a partir daquilo que ensinamos e que despertou, então, o meu desejo de aprofundar os estudos nesse assunto.

3.1 AS REPRESENTAÇÕES JÁ CONSTRUÍDAS PELA TURMA

O desejo de escrever sobre o ensino da história da África, como já mencionado, aconteceu durante as aulas de história do meu estágio de docência que aconteceu no segundo semestre de 2013, numa turma de 4º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública federal de ensino.

Dando seguimento aos trabalhos realizados conjuntamente entre os conteúdos curriculares que estavam programados para o 4º ano e o projeto pedagógico do estágio de docência, que tinha como temática a cidadania, eis que, durante os períodos dedicados a aula de história, chegou-se a uma parte muito importante da história do nosso país que é a vinda dos Africanos para o Brasil.

Durante as aulas de história, então, na tentativa de encontrar uma maneira mais atraente e interessante de fazer com que os alunos participassem das aulas, a melhor opção para dar início as aulas foi fazer aquilo que Paulo Freire sempre teve como um dos “fios condutores” de seu legado como educador, que é iniciar a aula, partindo dos conhecimentos prévios dos alunos.

Inicialmente, para a inserção do assunto em aula, com base no meu projeto pedagógico, que eram as questões relacionadas a cidadania, foi utilizado o seguinte texto, retirado do livro didático que era utilizado pela turma, que fala sobre questões relacionadas ao racismo.

AINDA EXISTE RACISMO NO BRASIL?

A história do Brasil está vinculada a escravidão dos negros. Embora ela tenha sido abolida[...] não pode ser apagada e suas consequências não podem ser ignoradas. [...]

A escravidão acabou porque não fazia sentido nem moral nem econômico, ainda mais em um país onde a maioria tem origem afrodescendente. A cultura racista vem perdendo força por meio de mobilizações das comunidades negras e o fomento de conscientização social e política. Mas ainda é um processo lento devido à ignorância, que também é uma forma de escravidão. [...]

Para Manoel Messias de Matos, morador do Rio Branco, o racismo ainda existe e é um problema social. “Acho que falta aceitação das pessoas com as diferenças dos outros”, comenta. [...]

A moradora do Parque Biratu, Ana Claudia da Fonseca Valente, também acha que ainda existe racismo no Brasil. “O preconceito ainda faz parte da nossa sociedade”, ressalta. Ela conta que não cabem mais atitudes racistas no mundo atual. “A mentalidade do povo deveria mudar para acabar com isso”.

Fonte: SOURIENT, Lilian; RUDEK, Roseni; CAMARGO, Rosiane de; **Coleção Novo Interagindo com a Geografia**, 4º Ano, Editora do Brasil, 4ª Edição – São Paulo/2011; página 25

Após os alunos receberem as cópias do texto, foi realizada uma leitura silenciosa para que cada aluno pudesse exercitar a prática da leitura e compreensão e depois foi realizada então a leitura coletiva, intercalando diferentes alunos que se dispunham a ler. Após esse momento de motivação

prévia conversamos sobre as questões de racismo existentes em nosso país e, nesse ponto, a turma foi unânime em afirmar que ainda acontece muito racismo em nosso país, apontando, por exemplo, algumas situações que eles mesmos já presenciaram como a discriminação de um grupo de rapazes negros num ônibus coletivo onde o aluno, que contou o fato, relatou que seu pai ficou com medo de que eles fossem assaltados quando enxergaram o “tipo” de grupo que havia entrado no ônibus. Tipo esse que, segundo o relato do aluno, eram jovens “negros usando correntes no pescoço”. Durante a aula os alunos ainda citaram outros exemplos que envolviam questões relacionadas ao racismo.

A discussão foi um ótimo ponto de partida para a introdução do assunto “África” com os alunos e, após esse pequeno texto eles a pensar sobre a vinda dos negros para nosso país sendo que aqui, até a chegada dos europeus, era uma terra habitada somente por indígenas.

Fora construída então, uma atividade onde os alunos deveriam responder sobre quais as opiniões/hipóteses que eles tinham sobre a vinda dos africanos para o nosso país sendo que aqui só haviam inicialmente indígenas e, posteriormente, os europeus que foram nossos colonizadores. Foi entregue a cada aluno um pequeno questionário e pedi que eles escrevessem a sua opinião sobre esse assunto nele.

Sobre a vinda dos negros para o Brasil, responda conforme a sua opinião.

- 1 – Como você acha que foi a viagem dos negros até o Brasil?
- 2 – Porque você acha que os negros vieram para o nosso país?
- 3 – Em cidades e estados do Brasil eles chegaram em maior quantidade?
- 4 – Como e onde você acha que os negros viviam aqui no Brasil?
- 5 – Quanto tempo você acha que durou a época de escravidão de negros no Brasil?

Após o término da atividade, foi solicitado aos alunos que entregassem os papéis com suas ideias e que, aqueles que se sentissem a vontade, poderiam repartir a sua opinião com o grupo. Na hora das falas, não houve nenhuma manifestação diferente. Aos poucos os alunos começaram a se

manifestar, e falaram que os africanos vieram para o Brasil através dos navios negreiros, para servirem de escravos.

A maior parte dos alunos escreveu sobre os tempos de escravidão, relatando que os africanos eram escravizados em seus países pelos europeus e que eram transportados para cá através dos navios negreiros. Mas, o que surpreendeu, foi que alguns alunos escreveram que acreditavam que os negros já eram escravos em seus países e que vieram pra cá pois haviam muitos escravos lá. Outros ainda responderam que eles eram todos muito pobres, inclusive passavam fome, e foram trazidos para o nosso país com o intuito de serem ajudados, como em algumas falas abaixo:

Aluno 1:

“- La ele tinha demais e não cabia mais então eles tacião para o brasil” – Referindo-se a África, lá tinham muitos habitantes e eles traziam um pouco para o Brasil.

Aluno 2:

“- (1)Queriam conhecer novas tribos (2) Em busca de comida encontraram o Brasil” – Referindo-se aos motivos que fizeram com que os negros viessem para o nosso país.

Aluno 3:

“- Eles vieram da africa, bahia, rio de janeiro” – Referindo-se aos locais de onde vieram os primeiros negros.

Num primeiro momento, as respostas e alguns alunos causaram espanto. Era uma situação muito delicada, tratava-se de uma opinião já formada sobre o assunto e era preciso falar com muito cuidado com os alunos, tentar descobrir onde, como e porque eles tinham construído aquela

representação e, era preciso também, encontrar alguma maneira de ajudar os alunos a reconstruírem essas mesmas representações.

Durante o período de estágio a turma tinha acesso total aos livros e materiais didáticos da escola. A professora titular da turma já havia selecionado, previamente, alguns livros para o trabalho com a turma no decorrer do ano letivo, sempre acompanhava de perto as aulas e fazia algumas indicações, deixando a vontade para escolher aqueles que fossem entendidos como os que poderiam complementar de uma maneira melhor os planos diários de aula.

3.2 AS PRÁTICAS REALIZADAS

Partindo então, das opiniões iniciais dos alunos, fora tentado encontrar maneiras de reconstruir/recriar àquelas representações que os alunos já haviam formado sobre esse assunto.

Uma das primeiras ações foi localizar, na companhia dos alunos, o continente africano no Mapa Mundial, para que os mesmos pudessem reconhecer a África dentro do Mapa Mundial e também enxergar a grande quantidade de países que compõe esse continente, explicar e ressaltar aos mesmos que a África é um continente imenso, composto na sua totalidade por 55 países¹ e incontáveis povos. Foi um momento para conversar com a turma, também, sobre os motivos que fizeram com que os africanos viessem parar no Brasil e em outros países na condição de escravos. E, para complementar os estudos pôde-se contar diariamente com a pesquisa online, já que os alunos tinham acesso a computadores e internet em sala de aula. Outro quesito que

1 Fonte: GIRAFAMANIA. Continente Africano. Última atualização: Maio/2014. Disponível em: <http://www.girafamania.com.br/africano/entrada.africana.html>; Acesso em 10 de julho de 2014.

ajudou bastante durante os períodos de aula foi o uso contínuo da biblioteca e o fácil acesso que a turma tinha à mesma, tanto quanto à reserva e retirada de livros, para que pudessem realizar suas pesquisas/estudos em casa também.

A turma realizou diversas visitas a biblioteca para realizar pesquisas relacionadas, não só ao período de escravidão no Brasil, como também a África e as culturas africanas antes da chegada dos europeus. Dentre essas culturas, eles pesquisaram sobre alguns grandes impérios que tinham grande destaque em sua época, por suas tecnologias avançadas quanto à construção civil e também a agricultura. Como os impérios de Gana, Egito, e Mali.

Este foi um dos momentos em que os alunos mais se envolveram com a temática. Eles ficavam fascinados ao pesquisar sobre os antigos impérios e encantados com as imagens e os significados das coisas que encontravam. O antigo império que mais os surpreendeu foi o egípcio e, como já esperava, muitos alunos se surpreenderam ao descobrirem que o Egito ficava dentro da África.

3.3 OS RESULTADOS OBTIDOS

Os resultados que os alunos apresentaram durante os estudos foram incríveis. Durante uma das aulas um dos alunos ergueu a mão, solicitando a palavra, e mesmo antes de recebê-la já disparou: “– Sôra, então quer dizer que muitas pessoas que eram reis e rainhas vieram pra cá para serem escravos?!”.

Naquele momento, a resposta daquele aluno causou bastante surpresa, e grande impressão com a construção histórica que ele tinha feito. Ao mesmo tempo em que se estudava sobre a vinda dos Africanos para nosso país, ao estudar também os grandes impérios Africanos, ele conseguiu relacioná-los sozinho e chegar a essas conclusões. Como resposta a construção, o aluno recebeu os parabéns e foi solicitado que ele explicasse para a turma como ele

havia chegado naquele pensamento, explicação essa que ele deu com muito contentamento e satisfação.

Uma das atividades que foram solicitadas para a turma, em virtude do “fechamento” dessa temática em aula, foi que escrevessem um pequeno texto sobre as questões que envolvem o racismo no Brasil. Dentre os vários textos escritos pelos alunos, houve um que despertou maior atenção, não só pela maneira como o aluno escreveu o texto, mas também pelo seu conteúdo.

Nome: 4ºano 2013

O racismo no Brassil:

Ainda existem muito preconceito na sociedade.

Muitas pessoas não Respeita as pessoas de cor negra Botando apelidos ofensor.

Nois da cor Branca somos iguais a eles, só muda a cor da pele.

Nossa sociedade ia ser muito mais melhor sem rasismo, todos respeitando um au outros.

O texto desse aluno foi motivo de grande satisfação pois, é nítido em sua escrita o quanto ele enxerga o racismo como uma prática atual e, ao mesmo tempo, o quanto ele deseja que isso se finde e deixe nossa sociedade “*muito melhor*”, como ele mesmo relata.

É preciso que saibamos fazer uso de várias ferramentas que possam nos ajudar durante as aulas. Porém, mais importante do que qualquer ferramenta de ensino, é muito importante que saibamos ouvir os alunos, prestar atenção em suas falas e em tudo aquilo que podemos construir a partir disso.

Quanto ao uso de recursos materiais, durante o estágio de docência que fora referido nesse trabalho, sempre fora tentando utilizar o máximo de recursos possíveis e o colégio onde o mesmo aconteceu possui um diferencial muito grande e de grande benefício tanto para os alunos quanto para os professores, que é a presença dos computadores em sala de aula. Cada aluno, tem um laptop exclusivo e com acesso à internet para poder realizar as

pesquisas no momento de aula, sendo assim acompanhando de perto e orientado/supervisionado pelo professor.

A opinião que alguns alunos tinham sobre a vinda dos Africanos para nosso país foi de grande espanto fez pensar, novamente, sobre o poder que, quem ensina, exerce sobre quem aprende. Sendo que nenhuma atividade educativa é nula, tudo sempre tem um objetivo, uma intencionalidade, e com isso uma proporcionalidade e um reflexo.

Aprender a história do local onde vivemos é fundamental para o nosso crescimento e a construção da nossa própria identidade. Pois, ao tomarmos conhecimento sobre a história dos povos, em especial dos Africanos, que ajudaram a construir nosso país e formar nosso povo, aprofundaremos nossos conhecimentos sobre a constituição de nosso país, sobre nossas raízes, nossa própria história.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA

Durante os momentos de pesquisa que foram proporcionados aos alunos, sobre a história da África, muitos deles ficaram surpresos ao descobrirem que o Egito, por exemplo, que já fora um dos maiores impérios do nosso planeta, fica localizado na África.

Aprender a história do local onde vivemos é fundamental para o nosso crescimento e a construção da nossa própria identidade. Pois, ao tomarmos conhecimento sobre a história dos povos, em especial dos Africanos, que ajudaram a construir nosso país e formar nosso povo, aprofundaremos nossos conhecimentos sobre a constituição de nosso país, sobre nossas raízes, nossa própria história.

Por esse motivo que os estudos foram centrados no ensino da história da África nos anos iniciais do ensino fundamental.

É possível se ensinar a história da África através da valorização das características e potencialidades de cada cultura na sua determinada época em vez de reforçar os pontos negativos que permeiam a história da África e do Brasil. Pontos esses que, por vezes, prevalecem sobre as positivities e limitam a nossa visão dos fatos históricos. Não deixando de considerar sempre, a importância de falar em sala de aula sobre as “negatividades” como, por exemplo, as questões relacionadas ao racismo, a escravidão, às doenças, a fome e miséria. Mas mantendo o foco sempre nas “positivities” que são as questões relacionadas a cultura, a música, as danças pois, é dessa maneira que conseguimos desmistificar as impressões já criadas e tentar reconstruir uma nova ideia/imagem histórica.

Neste trabalho, é afirmado que tais fatos são possíveis pois os mesmos foram vivenciados durante o estágio de docência, onde pode-se presenciar o fato de os alunos terem uma ideia/opinião fixa, já formada sobre a vinda dos africanos para o Brasil e, depois de algumas aulas/reflexões sobre o mesmo assunto, eles reformularem/reconstruírem suas representações e partirem para um conceito totalmente diferente daquele inicial.

Os professores, diariamente, vão para as salas de aula e enfrentam as mais variadas situações que, muitas vezes, não tem nada a ver com aquilo que faz parte do conteúdo escolar. Os professores precisam superar seus limites de conhecimento e renovar este arsenal de saberes para enfrentar as batalhas que aparecem ao longo do caminho.

É preciso que o professor não se deixe contaminar pela mesmice das rotinas escolares, que ele sempre esteja atento aos detalhes que podem fazer diferença no dia a dia (MAGS, 2013).

Um professor tem que ter a sensibilidade de sentir o seu aluno e poder se deixar tocar por suas necessidades. Mas onde se aprende isso? Onde e como o professor vai aprender a utilizar a sensibilidade para conhecer e compreender melhores seus alunos? Existe um local que consegue contemplar todas essas necessidades de aprendizagem do professor?

O *fazer docente* é muito mais complexo e múltiplo do que se pode imaginar. O professor, ao longo de sua carreira, passa por ambientes variados e tem que se adaptar as diferentes situações que o cotidiano escolar lhe apresenta.

Os professores que temos na atualidade foram criados num outro tipo de educação, num tempo em que o fazer docente era entendido de outra forma, numa educação que era pensada para uma igualdade de seres e saberes, e não para uma miscelânea de culturas dentro de uma mesma sala de aula. O que acontece é que, boas partes dos professores ainda reproduzem em sala a mesma maneira com que foram ensinados.

O educador do século 21 tem inúmeros desafios e, dentre os mais importantes, estão a capacidade de desenvolver práticas de ensino mais eficientes e ser capaz de estar constantemente se atualizando (NÓVOA). Ainda segundo o autor, na área da educação nada se inventa, tudo se recria e o professor precisa estar sempre atento e aberto às novidades e disposto a inseri-las em suas metodologias de ensino.

A escola é um local de crescimento profissional permanente e, ao falar sobre a questão da educação continuada para professores, o autor diz que:

A formação é um ciclo que abrange a experiência do docente como aluno (educação de base), como aluno-mestre (graduação), como estagiário (práticas de supervisão), como iniciante (nos primeiros anos da profissão) e como titular (formação continuada). Esses momentos só serão formadores se forem objetos de um esforço de reflexão permanente. (NÓVOA)

Ainda segundo NÓVOA, a fase mais importante da formação de um professor é o início de sua carreira, pois é ali que o professor vai se definir positiva ou negativamente e o mesmo, considera inaceitável que um professor em início de carreira não tenha apoio profissional e psicológico diariamente.

O que vemos hoje é uma geração de professores que se veem obrigada a assumirem turmas tão logo já entram na faculdade, sem que estejam preparados para a função, devido a crescente escassez de profissionais habilitados para as áreas dos anos iniciais de educação.

Os objetivos com esse trabalho foram, além de refletir sobre as representações que os alunos criam, apontar algumas possíveis proposições para o ensino da história da África. A primeira e mais importante questão a ser levantada é que o professor deve partir da valorização dos pontos positivos da histórica da África e das contribuições que eles trouxeram para nosso país em vez de ficar reforçando a negatividade da escravidão.

Que a escravidão do povo africano faz parte da nossa história, isso é inegável e seria até um crime não comentar sobre isso em sala de aula. O que quero levantar aqui é a questão de ensinar, dentro do possível, a história de um

continente tão grandioso como a África e possuidor de incontáveis povos e tribos. Tentando assim, reforçar o lado positivo da história e permitir aos alunos que conheçam outra África que não pelo viés da escravidão, das torturas e sofrimentos.

Segundo a Cartilha da Unesco sobre História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na Educação Infantil, somos educados para entender o que significa diferença e diversidade.

Desde muito cedo, podemos aprender e conhecer diferentes realidades e compreender que a experiência social do mundo é muito maior do que a nossa experiência local, e que esse mesmo mundo é constituído e formado por civilizações, histórias, grupos sociais e etnias ou raças diversas. É também bem cedo em sua formação que as crianças podem ser reeducadas a lidar com os preconceitos aprendidos no ambiente familiar e nas relações sociais mais amplas. [pág. 15]

Ainda segundo a cartilha, todas as crianças têm o direito de se sentirem iguais e acolhidas em suas diferenças. Todas tem o direito de se sentirem parte de um todo. Sua cultura, corpos, religiosidade, entre outros, devem ser respeitadas dentro de um todo, como uma conduta moral que é esperada por uma sociedade civilizada e que queira que sua nação continue evoluindo. Considerando que é por esses motivos que os questionamentos sobre a maneira como vem sendo tratadas as crianças negras, brancas e de outros grupos étnicos devem ser analisadas desde a educação infantil.

A história de um povo e/ou um local é algo delicado de se trabalhar. Temos sempre que estar muito atentos às coisas que falamos e também à maneira como fazemos isso. A postura de um professor em sala de aula exerce fortes reflexos sobre aquilo que os alunos vão absorver de conhecimento.

Sabemos que ainda há muito para se aprender sobre a história da África e que, devido a sua extensão, talvez nunca tomemos conhecimento de toda a sua história.

Ao educador cabe o papel de separar atividades/práticas pedagógicas que venham a suprir as necessidades curriculares e educacionais dos alunos, cabe investir em momentos que façam com que os alunos quebrem as rotinas

escolares, em sua grande maioria, maçantes. E que despertem nos alunos o desejo pelo conhecimento, despertem o interesse pelo novo e façam com que assim os alunos cheguem a suas próprias conclusões, criando assim suas próprias representações a partir de suas percepções em sala de aula.

6. REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. **Estabelece as leis de diretrizes e bases da educação nacional.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em: 17 de Abril de 2014.

BRASIL, Lei nº 10.639, de 09 de Janeiro de 2003. **Altera a Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996.** Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm Acesso em: 17 de Abril de 2014.

BRASIL, **Lei nº 11.645**, de 10 de Março de 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm Acesso em 27 de abril de 2014

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na Educação Infantil.** Brasília: MEC/SECADI , UFSCar, 2014.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Introdução: uma opinião sobre as representações sociais.** In: CARDOSO, C. F.; MALERBA, Jurandir (orgs.). Representações: contribuição a um debate transdisciplinar. Campinas: Papirus, 2000. p. 9-40

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. **O Conceito de Representações Coletivas segundo Roger Chartier.** Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 143-165, 2005. Disponível em: <http://www.sc.senac.br/biblioteca/arquivosSGC/CHARTIER%20E%20BORDIEU.pdf> Acesso em 10 de Junho de 2014

CHARTIER, Roger. **A História Cultural Entre Práticas e Representações 2. ed.**, Tradução de GALHARDO, Maria Manuela. 2ª edição. Miraflores, Algés/Portugal.DIFEL Difusão Editorial, 2002. 245 p.

CORTESÃO, Luiza. **Ser Professor: Um Ofício em Vias de Extinção.** Reflexões sobre Práticas Educativas Face, à Diversidade, no Limiar do século XXI. Rev. Lusófona de Educação, n. 7, Lisboa, 2006.

DIMENSTEIN, Gilberto e ALVES, Rubem: **Fomos maus alunos.** 9ª edição. Campinas – São Paulo: Papirus 7 Mares, 2008 – (Papirus Debates)

GIRAFAMANIA. Continente Africano. Última atualização: Maio/2014. Disponível em: <<http://www.girafamania.com.br/africano/entrada.africana.html>>; Acesso em 10 de julho de 2014.

LIMA, Mônica. **História da África e dos africanos no Brasil: cuidados no aprender e no ensinar**. Disponível em: <http://africaempalavras.com/2012/10/14/historia-da-africa-e-dos-africanos-no-brasil-cuidados-no-aprender-e-no-ensinar/> Acesso em: 20 de Abril de 2014.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação abordagens qualitativas**. São Paulo EPU, 1986

MAGS, André. **Professores encaram os desafios do século 21. Qualificação, respeito e melhores salários são algumas das metas a atingir**. Clic RBS, 2013. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/precisamosderespostas/19,1430,4301496,Professores-encaram-os-desafios-do-seculo-21.html> Acesso em: 10 de Maio de 2014.

MATHIAS, Carlos Leonardo Kelmer. **O ensino de História no Brasil: contextualização e abordagem historiográfica**. 2011. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/viewFile/959/163> Acesso em 12 de Maio de 2014

NÓVOA, Antonio. **Professor se forma na Escola**. Revista Nova Escola , Gestão Escolar; Gestão da aprendizagem; Formação de professores. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/professor-se-forma-escola-423256.shtml> Acesso em: 12 de Abril de 2014.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **O ensino da história da África em debate : uma introdução aos estudos africanos**. In: RIBEIRO, Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro et. al (orgs.). História e cultura afro-brasileira e africana na escola. Brasília: Ágere, 2008, p. 29-49 Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6167/1/CAPITULO_EnsinoHist%C3%B3riaAfrica.pdf Acesso em 05 de maio de 2014.

PANTOJA, Selma Alves. **A presença Africana no Brasil e as Novas Perspectivas de estudos**. In: OLIVA, Anderson Ribeiro; COELHO, Maria Filomena Pinto da Costa. O Ensino da História da África em Debate: Saberes, Práticas e Perspectivas. Ed. PUC Goiás, Goiânia – GO, 2011, 156 pág. (pág. 17 a 25)

PENA, Rodolfo Alves, Graduado em Geografia. 3º África. **Escola Kids, Continentes**. África. Disponível em: <http://www.escolakids.com/continentes.htm> Acesso em 09 de Junho de 2014

SILVA, Júlio Cezar Lázaro da. **África; Continentes**; Geografia; Brasil Escola. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/geografia/africa-continente.htm> Acesso em 09 de Julho de 2014

SILVA, Stanley Plácido da Rosa. **Ensino de História e História Local nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. História e História. Atualização: 05 de julho de 2011. Disponível em:

<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=160> Acesso em 10 de maio de 2014.

SOURIENT, Lilian; RUDEK, Roseni; CAMARGO, Rosiane de; **Coleção Novo Interagindo com a Geografia**, 4º Ano, Editora do Brasil, 4ª Edição – São Paulo/2011; página 25

WEDDERBURN, Carlos Moore. **Novas Bases para o Ensino da História da África**. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/11/novas-bases-para-o-ensino-do-hist%C3%B3ria-da-%C3%A1frica.pdf>> Acesso em: 14 de Abril de 2014.